A ARTE E O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

DEISE MARA GONÇALVES MORAES PRADO

INTRODUÇÃO

Com relação à influência da arte no desenvolvimento do aluno destacam que por meio da arte a criança consegue liberar suas inibições, criatividade, imaginação e autoconfiança. Quanto a arte fazer parte do planejamento das aulas, destacam a importância da explorar o ensino de Artes em suas atividades propostas, com o propósito de favorecer aprendizagens expressivas. Palavras-chave: Educação Infantil, Arte, Desenvolvimento.

A arte segundo Vygotsky (2009), é o movimento da reflexão humana sobre o pensamento emotivo que nos move, é criação e recriação de todo contexto macrossocial que envolve o homem em sua complexidade, é instrumento pedagógico de percepção e aconchego da realidade e das frustações humanas.

Segundo o autor, este movimento de compreender a arte como instrumento de construção humana, sinaliza para uma educação epistemológica e sensível no processo de construção psicointelectual da criança.

Neste sentido, o texto em tela busca refletir sobre atividades desenvolvidas no âmbito do Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil, o qual teve como objetivo central trabalhar as múltiplas linguagens da infância, nas quais se incluem o desenvolvimento artístico como forma de expressão dos sentimentos e emoções da criança.

É importante destacar que, os estudos relacionados aos processos psíquicos de associação, dissociação e sobrestimação dos elementos que cognoscitivamente influenciam o processo de construção das obras humanas, estão intricadamente ligados à organização social da criança, dos seus espaços e tempos e especialmente ao seu relacionando com os outros, já que são as relações emocionais, dialógicas, sociais, interpessoais que determinam seu nível de compreensão sobre determinados fatos, fatores ou objetos, é o que Vygotsky (2001), sinaliza como riqueza sociocultural, a atribuição de elementos ricos em símbolos e significações.

DESENVOLVIMENTO ARTÍSTICO E CRIATIVO

Segundo Saccomani (2014) estes processos, relacionados ao desenvolvimento artístico e criativo dos homens esta intrinsecamente ligada à sua forma de pensar, de sentir e de perceber, suas relações com o ambiente, determinando assim, os meios pelos quais os homens elucidam a transformação social, intelectual e a transformação do próprio ser genérico no mundo.

Estas reflexões, sobre o fazer a artístico, na construção humana subjacente do homem, nos levaram a criticar e a contextualizar as experiências vivenciadas durante o Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil, por dois critérios avaliados durante o percurso de investigação do campo de estágio, o primeiro deles, diz respeito ao falso desenvolvimento das aptidões artísticas instituídas historicamente no processo de ensinar e apren-

der na educação infantil.

As crianças não desenham livremente, não pintam com exatidão emocionais nem ou menos representam sua realidade inerente, o que nos leva a pensar que, nestes parâmetros de ensino seu desenvolvimento como ser sociocultural está sendo comprometido, pois, a escola e os centros de educação infantil em sua grande complexidade apenas reproduzem desenhos midiáticos e pinturas prontas.

A educação infantil é um processo ativo do desenvolvimento cognitivo, é ação e simultaneamente o processo, em que se desencadeiam as múltiplas linguagens da criança, em que se abrangem suas especificidades, é o espaço em que todo processo histórico de construção social e intelectual da criança se "apresentam" ao complexo sistema educativo que devem utilizar-se deles como instrumentos de formação e desenvolvimento humano, indispensáveis para desencadear o desenvolvimento intelectual, cognitivo e afetivo da criança.

Em que, possibilitar a criança o acesso e o domínio as diferentes linguagens propiciam a aprendizagem e o desenvolvimento da criança perante as atividades proporcionadas pelos centros de educação infantil. deste modo destacaremos o papel da arte na mediação e na articulação destas aprendizagens, o que segundo Vygotsky (2001) é eminentemente papel funcional das diferentes representações artísticas.

O autor ainda destaca que a música e a poesia provavelmente surgiram como o trabalho coletivo, físico e pesado, com o objetivo de aliviar a tensão humana, instituída sob o trabalho intelectual e manual.

Pelos aportes da perspectiva marxista, podemos destacar que o desenvolvimento das aptidões artístico, de forma controlada e estagnada como se encontram nas instituições de ensino, assemelham-se ao trabalho alienado descrito por Marx, e não veem a primar pelo desenvolvimento integral da criança.

Sob esta perspectiva, destacamos que a função da arte se revela, então organizadora ou sistematizadora do sentido social do indivíduo, e consideramos, pelos aportes da teria histórico-cultural, que o homem é fruto das lutas e condutas sociais existências em seu processo de experienciações do mundo, ou como destaca Vygotsky (2001, p. 308),

"A arte deste modo, surge inicialmente como o mais forte, instrumento na luta pela existência" eis um dos principais motivos pelos quais enfatizamos que a educação intelectual artística, deve conquistar seu espaço nas instituições de educação infantil, mas não meramente como componente curricular obrigatória, mas sim, como mecanismo da práxis humanizadora e educadora dos sentidos e das emoções dos sujeitos historicamente envolvidos no trabalho pedagógico- que segundo esta teoria pode ser entendida como o mecanismo de transformação do meio natural, social e inteligível do homem.

Vygotsky (2001) ainda enfatiza que os elementos artísticos e seus significados são produzidos e transmitidos socialmente, o que faz conecção com a educação das emoções pela práxis pedagógica, uma vez que a educação dos sentidos e

da emoção e mecanismo de transmissão social das condutas instituídas ao decorrer das experiências proporcionadas pela mesma, ou seja, é o processo de humanização que se vigora aos princípios artísticos e pedagógicos da criança.

É a ação do homem, pelo viés do trabalho como mecanismo de criação do próprio homem, nas palavras de Vygotsky (2001, p. 322) "o sentimento é inicialmente individual, e por meio da obra de arte torna-se social ou generaliza-se

[...] a arte é uma espécie de sentimento social prolongado ou uma técnica de sentimentos". Vygotsky (2010) ainda destaca que o ser humano não é capaz de dar conta da enorme quantidade de estímulos que recebe do meio, isso quando se observa a realidade analiticamente, apenas de forma cognitiva.

O sistema nervoso humano compara, é como uma estação em que muitos trens chegam, mas apenas um consegue partir. Permanecer então no interior do indivíduo, muito a realizar, o que só pode ser solucionado na ação completa da existência, um processo que exige a participação da cognição e da afetividade.

Deste modo, compreendemos que a arte é um dos instrumentos que integra estas duas instâncias do desenvolvimento, é uma forma de equilíbrio do organismo e do meio, já que os sentimentos provocados pelo fazer arte ou pelo apreciamento da arte superam os sentimentos comuns que podem de alguma maneira ser expressados e resolvidos – como quando se está triste ou alegre aqueles sentimentos tocados e representados pela arte são emoções fortes, que encontram na expressão artística da criança seus significados.

Nas palavras do autor a arte é trabalho do pensamento, mas de um pensamento emocional inteiramente especifico [...] a arte parte de determinados sentimentos vitais, mas realiza certa elaboração destes sentimentos [..] que consiste na cartasse, transformação destes sentimentos em sentimentos opostos, nas suas soluções. (VYGOTSKY 2001, p. 315).

Ainda sob este prisma, podemos adentrar ainda mais na teoria de Vygotsky, relevando o papel central da brincadeira, no processo de construção cognitiva e intelectual da criança em idade escolar, uma vez que a teoria de Vygotsky, no livro "Arte e imaginação na infância", concretiza o processo de aprendizado da criança, como uma função inteiramente cognoscitiva e intelectual, e a mesma é abordada por diversos processos mentais, tais como apropriação, subestimação e sobrestimação de elementos extraídos do meio social e cultura da criança, consequentemente, este elementos no fazer artístico são elementos de cognição na construção das emoções internas e externas da criança e subsequente a isso, estas emoção no processo de aprendizagem e criação da obra de arte, ou do fazer artístico, são elementos fulcrais na construção da criação da obra de arte da criança.

Vygotsky (2009) adentra neste processo de criança artístico, enfatizando que o fazer artístico na educação infantil, é uma das principais táticas da práxis pedagógica que trabalha a elaboração e a construção das emoções cognoscitivas da criança, uma vez que, é por meio do fazer artístico que "a criança encarna em

ações, imagens vivas, tudo o que pensa e sente" (Vygotsky, 2009, p. 87), é representado pelo fazer artístico, independente se sua modalidade, e ainda que por meio das atividades delineadas como instrumento de construção e apropriação das culturas instituídas no ambiente escolar, e como já ressaltamos, pelos processos de captação e internalização destes diferentes aspectos culturais e sociais da mesma, a criança passa a ser pelo fazer artístico, aquilo que suas emoções internas e externas expressão sobre sua visão de mundo, de homem e de sociedade, nas palavras do autor, esta relação justifica-se, pois, o drama, como forma de expressão das impressões vividas, enraíza-se profundamente na natureza da criança e presta-se a sua expressão espontânea, independente dos desejos dos mais velhos.

A criança minimiza as impressões exteriores que recebe do meio que a rodeia. Com a força do seu instinto e da sua imaginação, a criança cria as situações e o ambiente que a vida não lhe proporciona para improvisar impulsos emocionais (heroísmo, coragem, abnegação). (VYGOTSKY, 2009, p. 109).

Por isso, o papel central da brincadeira articula ao desenvolvimento artístico e das emoções da criança, é tratado aqui ou nas atividades que serão subsequentemente relatadas, como atividade espontânea, planejada, mas não forjada por um planejamento inflexível e que busca resultados parciais no processo de ensinar e aprender, mas sim, como instrumento do trabalho pedagógico que busca a orientação do desenvolvimento de todo processo cognoscitivo da criança, o desenvolvimento da autonomia, da linguagem e das orientações emocionais e sociais que darão suporte ao que Vygotsky idealiza como o processo de construção intelectual da criança pelos aportes teóricos e práticos na educação, que para nós significa a construção da práxis humanizadora e inteligível.

A criança, desde que nasce, depara-se com um repertório de símbolos e significados construídos pelas gerações que a precederam e, participando das práticas culturais do seu grupo, reconstrói os significados do mundo físico, psicológico, social, estético e cultural. O mundo simbólico será conhecido e ressignificado no convívio e acesso aos jeitos de pensar e fazer e aos códigos, entre eles os códigos da Arte.

[...] é na cotidianidade que os conceitos sociais e culturais são construídos pela criança, por exemplo, os de gostar, desgostar, de beleza, feiura, entre outros. Esta elaboração se faz de maneira ativa, a criança interagindo vivamente com pessoas e sua ambiência (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 42).

A organização de sentidos para esse mundo simbólico, à disposição das crianças, é um ato criador ao mesmo tempo individual e coletivo. Ao reconstruir os sentidos das experiências para si, a criança articula as experiências externas às suas possibilidades de percepção e leitura de mundo. Neste sentido, não apenas reproduz o que percebe, mas cria outros sentidos, usa a imaginação para preencher os vazios de sua leitura de mundo, articulando significados próprios para o que observa e percebe. Interage com manifestações artísticas, estéticas e comunicativas do ambiente e, nessa interação,

entra em contato com o contexto social e cultural que permeia a estruturação do senso estético.

Queiramos ou não, é evidente que a criança já vivencia a Arte produzida pelos adultos, presente em seu cotidiano. É óbvio que essa Arte exerce vivas influências estéticas na criança. É óbvio, também, que a criança com ela interage de diversas maneiras (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 43).

Naturalmente, as crianças entram em contato com o mundo sensível, agindo sobre ele com afeto, cognição, motricidade; e constroem para si um repertório perceptivo de formas, cores, texturas, sabores, gestos e sons, atribuindo a este mundo, sentidos e organizações diferentes.

O professor deve considerar essas significações já construídas e colocar o desafio de construir outras. A expressividade infantil implica na construção de formas de linguagem e comunicação exercidas no processo de socialização. Atuando expressivamente é que a criança aprende e vivencia formas de ser e de estar no mundo humano.

O desenvolvimento dessa expressão infantil acontece junto com seu desenvolvimento afetivo, perceptivo e intelectual e resulta do exercício de conhecimento de mundo. Exercício esse de construir noções a partir das suas experiências sensoriais e/ou corporais. A vivência do mundo simbólico e a ampliação das experiências perceptivas que fornecem elementos para a representação infantil dão-se no contato com o outro.

O professor pode, por meio do trabalho com o aprimoramento das potencialidades perceptivas, enriquecer as experiências das crianças de conhecimento artístico e estético e isto se dá quando elas são orientadas para observar, ver, tocar, enfim, perceber as coisas, a natureza e os objetos à sua volta.

[...] durante as criações ou fazendo atividades de seu dia a dia, as crianças vão aprendendo a perceber os atributos constitutivos dos objetos ou fenômenos à sua volta. Aprendem a nomear esses objetos, sua utilidade seus aspectos formais (tais como linha, volume, cor, tamanho, textura, entre outros) ou qualidades, funções, entre outros... Para que isso ocorra é necessário a colaboração do outro – pais, professoras, entre outros - sozinha ela nem sempre consegue atingir as diferenciações, muitas vezes sua atenção é dirigida às características não - essenciais e sim às mais destacadas dos objetos ou imagens, como por exemplo, as mais brilhantes, mais coloridas, mais estranhas... (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 49).

Nesse sentido as crianças criam, experimentam, vivenciam o tempo todo, interagindo com a arte de forma implícita, portanto é importante a troca com o outro para que possa diferenciar e perceber características essenciais do processo de criação. Na fase da educação infantil as atividades artísticas contribuem com ricas oportunidades para seu desenvolvimento, uma vez que põem ao seu alcance diversos tipos de materiais para manipulação, além da arte espontânea que surge em brincadeiras ou a partir de uma proposta mais direcionada.

O lúdico, o teatro, a dança, a pintura, o desenho, a criatividade, o conto de fadas, fazem parte de um momento em

que as crianças se expressam, comunicam e transformam a vida na relação com a arte, ou seja, “somos potencialmente criadores, possuímos linguagens, fazemos cultura” (PIRES, 2009, p. 47).

O professor precisa dar oportunidades para que o aluno se expresse de forma espontânea, pessoal, porém é importante que o mesmo consiga analisar o contexto da atividade e quais benefícios ela traz para o desenvolvimento da criança. Conforme diz Almeida, a maioria dos professores acredita que desenhar, pintar, modelar, cantar, dançar, tocar e representar é bom para o aluno, mas poucos são capazes de apresentar argumentos convincentes para responder “Por que essas atividades são importantes e devem ser incluídas no currículo escolar?”. (1992, p. 48).

O professor de educação infantil busca proporcionar atividades artísticas criando símbolos que expressem sentimentos e pensamentos, portanto, para que isso aconteça é necessário planejar, orientando e avaliando as atividades, ou seja, o professor deve ser um observador atento e sensível, buscando sempre novas técnicas e recursos para explorar a arte na sala de aula, contribuindo assim para o desenvolvimento do seu aluno. Lavelberg afirma que:

é necessário que o professor seja um “estudante” fascinado por arte, já que só assim terá entusiasmo para ensinar e transmitir a seus alunos a vontade de aprender. Nesse sentido, um professor mobilizado para a aprendizagem contínua, em sua vida pessoal e profissional, saberá ensinar essa postura a seus estudantes. (Lavelberg, 2003, p. 12).

O contato com as diferentes formas de artes oportuniza aos alunos a exploração, o conhecimento, a brincadeira, desenvolvendo uma visão transformadora beneficiando um vínculo com a realidade, contribuindo para analisar a compreensão do aluno e do mundo a qual vivencia, favorecendo a ligação entre a fantasia e a realidade. Compreender as artes como um espaço de experimentação, de jogo, em que a criança possa construir uma análise pessoal das suas construções.

Por meio da realização de atividades artísticas a criança desenvolve sentimentos, autoestima, capacidade de representar o simbólico, analisando, avaliando e fazendo interpretações, desenvolvendo habilidades específicas da área das artes.

A criança da educação infantil explora bastante os sentidos, se encontra na fase do concreto, fazendo com que suas experiências sejam enriquecidas. Como neste período, suas habilidades são estimuladas, facilita o processo de ensinoaprendizagem, já que são desenvolvidas a percepção e a imaginação, o que facilita a compreensão das diferentes áreas do conhecimento.

A arte é fundamental na formação das crianças, já que representa experiências individuais e para que a arte seja utilizada como uma ferramenta no desenvolvimento cognitivo, intelectual e emocional do aluno, o professor precisa ter sensibilidade e conhecimento de que a arte é extremamente necessária no cotidiano escolar, ciente do seu papel na relação com o desenvolvimento.

E assim, o uso e o ensino das artes na educação infantil estão ligados aos in-

teresses de quem aprende, já que estes serão autores de suas próprias histórias, transformando a arte parte de suas vidas, dando um sentido para algo visto como incompreensível, tornando essa prática um instrumento pedagógico que vai contribuir na construção do sujeito.

Até poucos dias a educação não estava inserida no ciclo básico, mas a Lei de

Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96 proporcionou que esta etapa pedagógica encontrasse sua própria posição na formação das crianças; da mesma maneira a arte abriu caminho neste espaço pioneiro, uma vez que ela exerce uma tarefa essencial nesta etapa educacional, englobando os fatores do conhecimento, da sensibilidade do conhecimento e da cultura. Segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI):

A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, intuitivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo às artes visuais. Tal como a música, as Artes visuais são linguagens e, portanto, uma das formas importantes de expressão e comunicação humanas, o que, por si só, justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente (p. 85).

A criança tem a mente equivalente à do artista, já que ambos penetram com facilidade no universo da imaginação, do faz de conta, possuem o dom de fantasiar a tudo. Assim, um simples traço pode se transformar em um lindo castelo. Tanto as crianças quanto os artistas percebem as coisas a sua volta de uma forma diferente e especial, já que sua percepção sensível lhes permite ressignificar o mundo por meio de configurações únicas.

Assim, a educação deve privilegiar a liberdade de manifestação das crianças. Deve ser trabalhada em um universo lúdico e mágico nessa faixa etária, sendo capaz de produzir processos de aprendizagem significativos e não meramente para reproduzir algo já pronto.

Dessa maneira, cabe às instituições de Educação Infantil elaborar propostas que integrem essas vivências. Mediante esses conceitos, cabe ao professor se apropriar desse conhecimento de mundo que a arte transmite, permitindo explorar os sons, as cores, os gestos, as texturas, as sensações e as diferentes percepções para que assim possa transmitir um conhecimento de mundo significativo. Sobre isso, Arendt (1979 apud Barbieiri, 2012) ressalta que:

A qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca desta, porém, sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por esse mundo. Face à criança, é como se ele fosse um representante de todos os habitantes adultos, apontando os detalhes e dizendo à criança: isso é o nosso mundo (p. 146).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) esclarecem que essa proposta curricular deve garantir experiências que explorem o conhecimento de si próprio e do mundo, ao qual estão inseridos, por meio de experiências corporais, sensoriais e expressivas, respeitando o ritmo de cada criança, permitindo brincadeiras que oportunizem o aprofun-

damento nas diferentes linguagens, sendo elas, verbal, artística, musical e dramática.

Estas discussões permitem concluir que a Arte deve ser colocada como disciplina formadora de opinião, pela qual os conteúdos trabalhados não se resumam a meros desenhos, trabalhos manuais, ou cantigas e representações sem sentido. Ao contrário disto, a Arte deve propiciar que cada situação apresentada gere diálogo e discussões, permitindo ao aluno expor o que pensa e interagir com o grupo, trocando informações, ideias e socializando, além de ser instigado a refletir e raciocinar sobre manifestações simples e complexas. Sempre respeitando a idade e o nível de desenvolvimento do aluno, o professor deve buscar dar significação e conjunção de forma única e pessoal ao conteúdo exposto, permitindo que isso seja debatido e que todos tenham direito e oportunidade de opinar e defender suas convicções, ponderando a igualdade entre todos. Fusari e Ferraz atentam para o fato de que esse tipo de prática pedagógica é:

Na verdade, um movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano completo, total, dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático. Valorizando no ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procura despertar sua consciência individual, harmonizada ao grupo social ao qual pertence. (FUSARI E FERRAZ 2001, p. 19).

Todas e quaisquer manifestações artísticas levadas aos alunos devem aguçar os seus sentidos, incentivando-os a tornarem-se seres criadores. Segundo Freinet, “a livre expressão facilita a criatividade da criança, no desenho, na música, no teatro, extensões naturais da atividade infantil, progressivamente responsável por seus comportamentos afetivos, intelectuais e culturais “(apud Sampaio, 1994, p. 30).

Assim como em qualquer outra disciplina do currículo escolar, Arte também exige planejamento. O planejamento das aulas é um dos quesitos fundamentais para o sucesso do professor no aprendizado dos seus alunos, pois, é por meio dele que se percebem os erros e acertos de suas aulas, além de possibilitar adaptações às formas de ensinar, conforme o aproveitamento da turma e do indivíduo. A partir dessa análise, o professor pode também se autoavaliar, observando e levantando suposições, buscando melhorar e proporcionar aos alunos um melhor aprendizado, além da satisfação pelo que faz. Nas palavras de Zabala, o planejamento é:

Um conhecimento e uma reflexão sobre os possíveis modelos, uma análise e uma avaliação das normas, uma apropriação e elaboração do conteúdo, que implica a análise dos fatores positivos e negativos, uma tomada de posição, um envolvimento afetivo e uma revisão e avaliação da própria atuação. (ZABALA,1998, p. 48).

É essencial na teoria de Vygotsky a compreensão de que a aprendizagem impulsiona o desenvolvimento, é um processo contínuo e está intrinsecamente ligada às relações sociais, já que ao nascer a criança é mergulhada no universo simbólico e na linguagem, e ao se relacionar essa linguagem se torna sua também, organizando os processos mentais e impulsionando novas buscas. ” A aprendizagem desperta processos internos de desenvol-

vimento que somente podem ocorrer que somente podem ocorrer quando o indivíduo interage com outras pessoas" (Oliveira, 1992, p.33). A partir da explicação de Leite et al (2009), por meio do aprendizado a criança internaliza a vida intelectual dos que a cercam, e assim se constitui como algo universal e indispensável ao desenvolvimento das características psicológicas

"especificamente humanas e culturalmente organizadas" (p.206).

Para lidar com a aprendizagem das crianças, na concepção sócio-histórica, é preciso se atentar não apenas para o que ela realiza sozinha, mas para o que faz com ajuda, pistas e orientação de alguém mais habilidoso na tarefa a ser realizada.

Para isso, Vygotsky (1984) diferencia Desenvolvimento Potencial, Desenvolvimento Real e Desenvolvimento Potencial. - Zona de desenvolvimento potencial: é toda atividade e/ou conhecimento que a criança ainda não domina, mas que se espera que seja capaz de saber e/ou realizar, independentemente da cultura em que está inserida. - Zona de desenvolvimento real: é tudo aquilo que a criança é capaz de realizar sozinha, conquistas já consolidadas, "processos mentais que já se estabeleceram; ciclos de desenvolvimento que já se completara" (Leite et al, 2009, p.206).

Nessa zona, está pressuposto que a criança já tenha conhecimentos prévios sobre as atividades que realiza. - Zona de desenvolvimento proximal: é a distância entre o que a criança já pode realizar sozinha e aquilo que ela somente é capaz de desenvolver com auxílio de outra pessoa. Na zona de desenvolvimento proximal, o aspecto fundamental é a realização de atividades com a ajuda de um mediador que possibilita a concretização do desenvolvimento que está próximo, ajuda a transformar o desenvolvimento potencial em desenvolvimento real.

Assim, conforme Vygotsky (1984) essa é a zona cooperativa do conhecimento. Leite et al (2009) sinalizam a importância dessa zona para o entendimento do desenvolvimento infantil e seus desdobramentos educacionais, já que possibilita a compreensão da dinâmica interna do desenvolvimento individual, e não somente dos ciclos já completados, mas também os que estão em via de formação, permitindo o delineamento das competências atuais da criança e de suas possibilidades de conquistas futuras, possibilitando estratégias pedagógicas que auxiliem nesse processo.

Assim, além de ser importante discriminar o nível de desenvolvimento real (o que a criança realiza sozinha), é preciso identificar o nível de desenvolvimento potencial (o que ela faz com ajuda). A distância entre no nível real e o potencial configura a zona de desenvolvimento proximal na qual ocorrem as aprendizagens, já que o que hoje a criança faz com ajuda, amanhã fará sozinha.

A importância de considerarmos a zona de desenvolvimento proximal não significa que possamos ensinar qualquer coisa a qualquer criança, já que o auxílio deve ser significativo para ela para que possa apropriá-lo fazendo-o parte do seu desenvolvimento real. A criança não passa a ser social com o desenvolvimento, é um ser social desde que nasce e, ao longo do desenvolvimento vai intercambiando os

significados dos objetos e das palavras com os parceiros de seu contexto cultural e a partir daí ocorre o aprendizado.

Assim, é importante também conceituar a ideia de mediação que é elemento fundamental para a constituição dos processos mentais superiores. Segundo Oliveira

(1997, p.26), a mediação consiste num "processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento".

Na mediação simbólica, os signos ficam entre os sujeitos e os objetos do mundo, funcionando como representação social dos objetos e mediando a relação do homem com o mundo e com outros homens. É a partir da mediação simbólica que ocorrem as funções mentais superiores, e consequentemente o aprendizado.

Os signos auxiliam os processos psicológicos organizando-os, também

"oferecem suporte concreto para a ação do homem no mundo" (Oliveira, 1993. p.34).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo relacionado ao fazer artístico na educação Infantil, nos leva a compreender a arte como instrumento significativo na construção integral da criança, uma vez que, o contato com o universo artístico visa como descrevem os autores supracitados neste estudo, a ampliação do repertório para que a produção infantil se torne gradativamente mais significativa, autoral e criativa

Quanto mais experimente, ouça, veja, vivencie, aprenda quanto mais elementos da realidade disponha em sua experiência, tanto mais rica e produtiva será a atividade de imaginação e produção, expressão e comunicação (Vygotsky, 2009).

Ou seja, a apropriação dos elementos da linguagem artística se faz no contato com manifestações artísticas, no fruir, pensar e produzir sentidos pessoais diante das mesmas. Para que as crianças possam exercer sua capacidade de criar é imprescindível que haja riqueza e diversidade nas experiências que lhes são oferecidas. Um espírito curioso, questionador e inventivo, preparam-na para melhor interpretar a realidade e manifestar-se ativamente na sociedade (Freire, 2009).

Ampliar o repertório cultural por meio do conhecimento de novas representações, novos significados ampliam seu olhar e consequentemente seu lugar no mundo. A criança deve ter espaço para vivenciar a arte na Escola e Centros de Educação Infantil; ter a oportunidade de fruir, criar, explorar materiais, enfim expressar-se com autonomia e liberdade.

A criança na educação infantil explora os sentidos em tudo que faz. Por meio da realização de atividades artísticas ela desenvolve sentimento, autoestima, capacidade de representar o simbólico. A arte pode ir além de uma atividade prática e precisa ser compreendida como um processo que envolve sentimentos e emoções.